

NACIF, Cristina L. Os anos de aprendizagem com Lysia Bernardes. MACHADO, Mônica S. e MARTIN, André R.(orgs.) Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, volume 1. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

OS ANOS DE APRENDIZAGEM COM LYSIA BERNARDES

Cristina Lontra Nacif¹

No Conselho Nacional de Geografia tive a sorte de trabalhar com dois geógrafos que tiveram uma importância crucial na minha formação. Com eles aprendi a fazer trabalho de campo, fazer mapas temáticos, conheci uma bibliografia mais especializada a que tive acesso e, o que foi importante, recebi deles a atenção toda especial. São os geógrafos Nilo Bernardes e Lysia Bernardes.²

Carioca “da gema”, a geógrafa Lysia Cavalcanti Bernardes morreu em 1991 a caminho de Cabo Frio, no mesmo acidente que atingiu seu companheiro Nilo Bernardes³. Na despedida do casal um grande número de amigos e ex-alunos lamentou profundamente o ocorrido e recordou os anos de convivência e aprendizagem com a dinâmica geógrafa.

Nascida em 1924, com apenas 20 anos Lysia já estava formada Bacharel em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Até seu último trabalho, foram quase cinco décadas de produção constante, que abrangeu um amplíssimo leque de interesses e reflexões. Suas atividades entrelaçavam a pesquisa, o ensino da Geografia e a marcante presença na coordenação de trabalhos em instituições voltadas para o planejamento urbano e regional.

Profissional com sólida estrutura intelectual e moral, a trajetória de Lysia envolveu, entre outras atividades, sua passagem como geógrafa do IBGE – Conselho Nacional de Geografia, entre 1944 e 1968, e a atuação como professora nos cursos de graduação e pós-graduação de Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, no período de 1959 a 1977.

Tão importante quanto sua atuação como professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, foi, sem dúvida, a atividade de “professora sem cátedra” exercida no dia a dia com seus coordenados nas instituições por onde passou. Preocupada em captar o essencial da realidade, Lysia não descolava os saberes da Geografia Física e Humana. Especialista na adoção de técnicas expeditas de observação, sabia como ninguém

¹Professora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. (clnacif@globocom.com)

²GEOSUL – n.9 12/13 - Ano VI - 29 sem. 1991 e 19 sem. 1992. Entrevista com Roberto Lobato Correa.

³O geógrafo Nilo Bernardes (1922-1991) durante mais de 30 anos trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolvendo pesquisas sobre a geografia agrária, influenciado pela geografia regional francesa e aportes teóricos de Leo Waibel.



“iluminar o real” nos trabalhos de campo e encontrar evidências, vestígios ou indícios dos processos sociais nos lugares pesquisados.

Nos conturbados anos de ditadura militar no Brasil, incompreendida por alguns colegas de profissão, Lysia esteve à frente de “empreitadas” que ajudaram a construir a história do planejamento urbano e regional no Rio de Janeiro. Assessorou a montagem do Governo da Fusão Rio de Janeiro-Guanabara⁴: encarregada do grupo de Política de Desenvolvimento Urbano. Em 1975 assumiu a Superintendência de Planejamento da Secretaria de Estado do Rio de Janeiro – SECPLAN, e em 1985, depois de passar pela Fundação para o Desenvolvimento – FIDERJ, foi convidada para assumir a Superintendência da Secretaria Especial da Região Sudeste – SERSE, órgão vinculado ao Ministério do Interior – MINTER.⁵

Participante ativa da Associação de Geógrafos do Brasil – AGB⁶, foi eleita Presidente em 1965, tendo sido responsável também pela organização do II Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado na PUC – RJ no mesmo ano.⁷

Não menos importante foi sua participação cidadã em vários movimentos sociais, em especial junto à Associação de Moradores de Laranjeiras, da qual foi membro fundador. Nesse bairro, escolhido para morar, Lysia e Nilo dividiam com os filhos um acolhedor apartamento na Rua Prof. Luiz Cantanhede 214, apartamento 201.

A contribuição de Lysia para o pensamento geográfico ainda está por ser produzida. O presente texto é tão somente um conjunto de fragmentos de sua intensa vida pública.

Práticas institucionais

A trajetória profissional de Lysia coincide com o período histórico do país em que se destacam as evidências das principais determinações da nossa urbanização, da integração do mercado nacional e do

⁴O estado da Guanabara existiu entre 1960 e 1975. A fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro ocorreu no dia 15 de março de 1975.

⁵ Ao que parece, a indicação de Lysia para a SERSE deve ter sido influenciada por Ronaldo Costa Couto. Ronaldo, durante os anos de 1974 e 1975, ocupou o cargo de superintendente geral do desenvolvimento da Companhia Vale do Rio Doce, no Rio de Janeiro; depois, foi o coordenador-geral da equipe de planejamento da fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara e secretário de Planejamento do estado do Rio de Janeiro no governo Faria Lima (1975-79). Após ocupar a cadeira de Secretário de Planejamento do estado de Minas Gerais e de presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, durante o governo Tancredo Neves, Ronaldo Costa Couto chegou a Ministro do Interior (1985-87), cargo que acumulou com o de governador de Brasília no início de 1985. A partir de abril de 1987, Ronaldo goza do privilégio de ser o ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, durante o triênio 1987-89, cargo que exerceu juntamente com o de ministro do Trabalho nos meses finais de 1988 e início de 1989.

⁶Fundada em 17 de setembro de 1934, por iniciativa do professor francês Pierre Deffontaines, juntamente com os professores Rubens Borba de Moraes, Caio Prado Júnior, Luís Flores de Moraes Rego (MACHADO, 2009).

⁷ Fonte: Mariangela de Azevedo. A importância de Lysia Bernardes para a Geografia Brasileira. Monografia apresentada na PUC – RJ por ocasião da conclusão da graduação em Geografia, 2000.



desenvolvimento regional decorrentes da industrialização, da adoção de políticas macroeconômicas. Esses foram tempos de expressivas correntes migratórias e de formação do fenômeno metropolitano, levando muitas cidades pequenas ao esvaziamento. Assim, não é por acaso que se impôs no país a adoção de um padrão “planejado” em oposição ao “espontâneo”. No cotidiano das instituições públicas, o profundo envolvimento com os trabalhos era garantido pelo conjunto de técnicos que se dividiam entre acreditar no caráter de “neutralidade” ou na possibilidade “revolucionária” do planejamento.⁸

No período de sua formação universitária (1940 e 1944) a Geografia brasileira estava dividida em dois grandes segmentos: aquele que produzia conhecimento para uso na estrutura de ensino, acompanhado da formação e do aperfeiçoamento do corpo docente, e o que se voltava para a estruturação do sistema de planejamento territorial, do qual o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a ser a principal sustentação.

Segundo Roberto Schmidt de Almeida (2000)⁹ apesar desta aparente dicotomia, os dois segmentos sempre estiveram em conexão, em virtude de suas origens comuns, o que ajuda a explicar o entrelaçamento de temas e práticas adotados por Lysia.

Entre meados dos anos 30 até o início dos 40, a criação quase simultânea dos cursos formais de Geografia, tanto em São Paulo (posteriormente liderado por Pierre Mombeig), quanto no Rio de Janeiro, até a estruturação do sistema de planejamento territorial do governo federal no IBGE, foram processos gestados por uma estrutura organizada pelo governo Vargas. (ALMEIDA, 2004, p. 411).

Lysia sofreu influência dos professores Pierre Defontaines¹⁰, Pierre Mombeig¹¹ Leo Waibel¹² e Carlos Delgado de Carvalho¹³, entre outros, presenças constantes nas suas referências e indicações bibliográficas.¹⁴ Começou sua carreira como geógrafa do IBGE (1944/1968), onde ocupou diversos cargos de direção e ajudou a consolidar o conhecimento sobre métodos de pesquisa. Foi também professora nos cursos de graduação e pós-graduação de

⁸Maiores detalhes ver Chico de Oliveira: A noiva da revolução. Elegia para uma re(li)gião. Boitempo, São Paulo, 2008.

⁹ ALMEIDA, Roberto Schmidt. O Pensamento Geográfico do IBGE no Contexto do Planejamento Estatal Brasileiro. MARTINS, L. A. C., P. Silva C.C., FERREIRA, J. M. H. Filosofia e História da Ciência no Cone Sul : 3^o Encontro. Campinas AFHIC, 2004.

¹⁰ Pierre Deffontaines (1894-1978) foi o primeiro geógrafo francês, membro da missão universitária francesa, que veio para o Brasil colaborar com o ensino universitário. Machado, Mônica Sampaio A construção da geografia universitária no Rio de Janeiro: formação e desenvolvimento na UDF, UB e UFRJ, 1935-1999 / Mônica Sampaio Machado. - Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

¹¹ Novos estudos de geografia humana brasileira, São Paulo, 1957. Difusão Européia do Livro. Brasil, São Paulo: Difusão Européia, 1969. Do Livro. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo, São Paulo: Hucitec, Polis, 1984.

¹²Geógrafo alemão que trabalhou no Brasil no período de 1946 a 1950 e influenciou a geografia da paisagem.

¹³Carlos Delgado de Carvalho integrou o grupo de professores do Curso de História da Universidade do Distrito Federal (1936-1937). Foi professor catedrático de História Moderna e Contemporânea (1943-1955). (MACHADO, 2009)

¹⁴ Dentre as referências adotadas por Lysia no cotidiano, estão obras de Alberto Lamego: "O Homem e o Brejo", "O Homem e a Restinga", "O Homem e a Guanabara" e "O Homem e a Serra".



Geografia na UFRJ (1959/1977) e concomitantemente técnica de planejamento no Ministério do Planejamento/IPEA (1968/74). Nesse período, assistimos à transferência da capital para Brasília e fomos vítimas da edição de diversos atos institucionais: o AI-2, que adiou as eleições presidenciais e dissolveu os partidos; o AI-3, que tornou indiretas as eleições de governadores e prefeitos das cidades mais importantes, e o AI-5, que suspendeu os direitos políticos e as garantias dos direitos civis.¹⁵

Lysia contribui também com a estruturação da FUNDREM – Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana, na segunda metade dos anos 1970. Lá, junto com o arquiteto Maurício Nogueira Batista¹⁶, produziu importantes estudos para a compreensão do fenômeno metropolitano e a necessidade de formulação de políticas públicas voltadas para tal escala de ação.

Em 1975 foi convidada para ocupar a Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano e Regional e, em seguida, a Superintendência de Planejamento da SECPLAM – Secretaria de Planejamento do Estado do Rio de Janeiro, no governo do Almirante Faria Lima¹⁷, até o ano de 1979. Nessa época a problemática das desigualdades sociais e a da relação pobreza e teorias de desenvolvimento ocupavam espaços acadêmicos e institucionais.¹⁸

Como coordenadora de Geografia e Estatística da FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 1980 e 1983, a geógrafa esteve na condução dos estudos que embasaram a fusão dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro. Dentre eles, o I PLANRIO – Plano de Desenvolvimento do Rio de Janeiro. O primeiro plano de governo do novo Estado do Rio de Janeiro apresentava rica descrição da realidade das diferentes regiões do território estadual e revelava nas suas propostas uma forte preocupação com a redução de desigualdades regionais.

Na FIDERJ - Fundação Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Rio de Janeiro, Lysia coordenou, entre 1979 e 1982, a elaboração de uma coleção de 18 volumes, intitulados Estudos para o Planejamento

¹⁵ Na época, especialmente no centro da cidade do Rio de Janeiro, ocorreram diversas manifestações estudantis de rua, como aquela na qual foi assassinado o estudante secundarista Edson Luiz, em 28 de março de 1968, e a que ocorreu a seguir, no dia 20 de junho, data que ficou conhecida como a Sexta-Feira Sangrenta, deixando como saldo vários mortos e centenas de feridos, em virtude da repressão policial. Destacam-se, ainda, a Passeata dos Cem Mil, em 26 de junho do mesmo ano, esta sem nenhuma repressão, e os sequestros dos embaixadores norte-americano, alemão e suíço, entre os anos de 1969 e 1970.

¹⁶ Maurício Nogueira Batista substituiu o arquiteto Jaime Lerner na condução dos trabalhos da FUNDREM.

¹⁷ Faria Lima foi indicado pelo então presidente Ernesto Geisel para a função e foi empossado no dia 15 de março de 1975. No mês seguinte, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena). Em sua gestão foram priorizados a construção de unidades hospitalares, terminais rodoviários e casas populares. Após a saída do governo, em março de 1979, Faria Lima presidiu a União de Indústrias Petroquímicas (Unipar), até 1992.

¹⁸ Em 1978 um grupo de técnicos que integravam a SECPLAM, encorajados por Lysia, se deslocaram até Recife para participar do Seminário Nacional sobre pobreza Urbana, promovido pelo Curso de Mestrado de desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco. Um dos principais eventos do Seminário foi a palestra do Professor Milton Santos, que de volta ao Brasil influenciava estudantes e profissionais da área.

Municipal, que tinham como objetivo expor a realidade dos municípios através do levantamento de seus recursos naturais e estrutura urbana e socioeconômica, apresentando um conjunto de indicadores relacionados às atividades econômicas e à infraestrutura locais, fonte de consulta obrigatória nos estudos voltados para a organização territorial e administrativa dos municípios fluminenses.

Ainda em 1982 concebeu e coordenou a elaboração do Atlas do Estado do Rio. Com primorosa produção gráfica, com dimensões aproximadas de sessenta por quarenta e cinco centímetros, o Atlas envolve um interessante conjunto de portfólios, contendo, dentre outras informações, mapas elucidativos dos processos de desmembramentos e os novos municípios criados no Estado do Rio de Janeiro até a década de 1980.

A presença de Lysia Bernardes na SERSE - Secretaria da Região Sudeste do Ministério do Interior, entre 1985 e 1989, foi igualmente importante. ~~Extinta a~~ A SERSE foi extinta em 1989 pelo Governo José Sarney, e seu desmonte acompanhou, por um lado, o processo de fragilização das instituições públicas voltadas para o planejamento regional, e, por outro, o abandono das escalas intermediárias de apreensão dos fenômenos espaciais, facilitando a polarização dos discursos e das ações entre o local e o global. Tal processo deixou, no plano nacional, o debate envolvendo um saber específico, a problemática regional, em “compasso de espera”.

Nessa época, sempre preocupada com a organização territorial e gestão das águas no Vale do Rio Paraíba do Sul, participou ativamente do CEEIVAP - Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul¹⁹, e do CODIVAP - Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba²⁰. Merece destaque o trabalho realizado com a coordenação e supervisão de Lysia em 1978, voltado para o zoneamento industrial da região do Médio Paraíba.

É importante registrar que a extinção da SERSE dispersou o importante acervo da Secretaria. Sobre a pouco conhecida Secretaria farei algumas considerações.

O rural é nosso! A SERSE e o planejamento regional

Na perspectiva institucional, só em 1959, com a criação da SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento Regional, é que se pode falar em planejamento regional no Brasil. Até meados de 1964, as entidades regionais existentes não possuíam qualquer vinculação ministerial. Eram órgãos subordinados à Presidência da República. Em 1967, depois da criação do MINTER - Ministério do Interior, surgiram várias entidades regionais:

¹⁹O Comitê foi criado pelo Decreto Federal nº 1842, de 22 de março de 1996, e é constituído por representações dos poderes públicos, dos usuários e de organizações sociais com importante atuação para a conservação, preservação e recuperação da qualidade das águas da Bacia.

²⁰Fundado em 10 de outubro de 1970.

Superintendência da Região Sul (SUDESUL); da Região Centro-Oeste (SUDECO); da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA); e do Vale do São Francisco (SUVALE). Todas, à exceção da SUFRAMA, substituíram órgãos já existentes, ampliando suas atribuições para atingir uma área territorial mais abrangente, como foi o caso da SUDESUL e da SUDECO.

Para concretizar as ações desse conjunto de órgãos regionais, a década de 1970 foi pródiga na criação de programas regionais, mais conhecidos como "programas especiais". Inicialmente vinculados à SEPLAN e posteriormente ao MINTER, os programas especiais foram geridos pelas superintendências regionais. Assim, pode-se dizer que, a partir de 1967, o Ministério do Interior passou a ser formalmente responsável pela condução dos assuntos de desenvolvimento regional. Mas, de fato, o MINTER tinha outras atribuições concorrentes com o desenvolvimento regional. Sua atuação estendia-se também às ações de desenvolvimento urbano, radicação de populações, ocupação do território, migrações internas, territórios federais, saneamento básico, proteção contra as secas e inundações, irrigação, assistência às populações atingidas pelas calamidades públicas, assistência ao índio, assistência aos municípios, habitação, defesa e preservação do meio ambiente e integração do universitário ao processo de desenvolvimento. Era, portanto, sem dúvida, um rol de atribuições excessivamente abrangente. Nesse contexto, desenvolvimento regional era apenas uma delas, mas era patente a indefinição do objeto de trabalho central da SERSE.

A Secretaria Especial da Região Sudeste - SERSE - foi criada pelo Decreto nº 3.839, de agosto de 1979, em substituição à antiga Representação do Ministério do Interior no Rio de Janeiro - REMI. A finalidade principal de sua criação foi dar à região Sudeste um órgão capaz de coordenar as ações do Ministério do Interior nessa região, de uma forma descentralizada. Para o desempenho das suas funções, nem sempre muito bem delimitadas, a SERSE possuía uma Subsecretaria de Planejamento, composta de quatro coordenadorias: de Programas Especiais, de Desenvolvimento Urbano, de Planejamento Regional e de Informática. Para a execução de atividades especiais ligadas ao atendimento de calamidades públicas ocorridas na área, a SERSE conta com uma Coordenadoria Regional de Defesa Civil. Finalmente, compondo ainda a estrutura da Secretaria havia uma Divisão de Segurança e Informações e o Núcleo da Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA. Atuando dentro de um contexto abrangente, cabia à SERSE encaminhar, coordenar e supervisionar as atividades do Ministério do Interior no Sudeste. Dentre as coordenadorias, a CORPE - Coordenadoria de Programas Especiais - era responsável por coordenar o POLOCENTRO - Programa de Desenvolvimento do Cerrado - e o PRODENOR - Programa de Desenvolvimento do Norte Fluminense. A COPLAR tinha sob sua responsabilidade dois programas de desenvolvimento regional, a PRODESP - Norte - Programa de Desenvolvimento Microrregional do Norte do

Espírito Santo - e o PRODEVALE - Programa de Desenvolvimento Regional Integrado do Nordeste de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha).

Cabia à COPLAR - Coordenadoria de Planejamento Regional - planejar, gerenciar e acompanhar o Programa de Migrações Internas do MINTER na região Sudeste. Para tanto contava com seis secretarias estaduais envolvidas nas áreas de planejamento social e duas fundações com ações também no âmbito dos estados.

Já à CODESU - Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano - cabia acompanhar a execução das políticas e diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano para a região Sudeste, fornecendo subsídios para a elaboração, em nível estadual e municipal, de programas e projetos relacionados com o assunto. Eram de responsabilidade da CODESU os seguintes programas: Programa de Apoio às Capitais e cidades de Porte Médio - PACCPM; Programa Estadual de Centros Intermediários - PEGI; Projeto Especial Cidades de Porte Médio - PECPM; Programa de Assistência aos Municípios - PAM; Programa de Desenvolvimento de Comunidades - PDC; Programa de Investimentos Urbanos - PIU; Programa de Assistência Técnica Municipal - ATM; Programa de Assistência Técnica e Financeira Municipal - ATFM; Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social - FAS.

Trabalhando com orçamentos extremamente exíguos e com muitas dificuldades de delimitação dos espaços de atuação da SERSE, em uma das reuniões envolvendo disputas com representantes do Ministério da Agricultura que bradavam “o agrícola é nosso”, sempre combativa e dominando a discussão conceitual, Lysia, em uma fração de segundos, retrucou: **mas o rural é nosso!** Todos os técnicos presentes à reunião aplaudiram e até hoje lembram a geógrafa na defesa dos interesses públicos!

Legado bibliográfico de Lysia Bernardes

Na colina em que fora implantada, a cidade estava circundada pela planície embrejada que se continha entre o maciço costeiro e o mar. Impunha-se assim, de início, a luta contra esses três elementos - o brejo, o mar e a montanha - luta que seria uma constante na conquista do espaço urbano. (BERNARDES, 1985, p. 23)

O caráter poético dos seus textos tem que ser destacado, conforme podemos confirmar no trecho acima, extraído do texto “Função defensiva do Rio de Janeiro”, escrito em 1960 no Boletim Carioca de Geografia²¹ e transcrito no livro “Cidade e Região”, de 1985. Mesclando conhecimentos da Geografia física e da Geografia humana, Lysia Bernardes registrou interpretações fundamentais sobre a realidade de vários lugares do país, mas seu foco

²¹ Bernardes, Lysia M. C. Rio de Janeiro Cidade e Região, Rio de Janeiro, 1987.



principal foi, sem dúvida, a cidade do Rio de Janeiro.

Interessante notar que entre 1949 e 1953 observa-se na sua produção um número expressivo de trabalhos voltados para os estudos do clima.

A partir de 1955, o levantamento bibliográfico realizado por Mariangela de Azevedo (2000) aponta a preocupação com a problemática das regiões e com os processos de regionalização. As cidades também foram foco de suas análises: Diamantina (MG), Colatina (ES), Nova Friburgo (RJ), São Paulo (SP), Campos (RJ), Belém (PA) e Curitiba (PR), entre outras. Capaz de se dedicar ao estudo de várias temáticas, em 1957 se preocupou com a atividade pesqueira.

Em 1972, assessorando a FUNFREM - Fundação para o desenvolvimento da Região Metropolitana escreve com Maurício Nogueira um documento importante: Institucionalização de Regiões Metropolitanas. Nogueira era um arquiteto que esteve à frente dos estudos para o reconhecimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Mas, sem dúvida, foi a cidade do Rio de Janeiro a temática que mais recebeu reflexões de Lysia ao longo de sua trajetória.

Dentre o conjunto de contribuições não publicadas está uma xerox de um pequeno texto datilografado, intitulado: “Bacia Hidrográfica e Região ou Unidade Espacial de Planejamento”. Na cópia amarelada, uma anotação a lápis; 1979. Sobre a rica discussão da adoção da bacia hidrográfica como unidade de planejamento, Lysia pondera:

A característica fundamental que confere unidade à bacia hidrográfica é o uso da água: seu escoamento, suas possibilidades de aproveitamento, sua poluição. O que impõe planejar e racionalizar no âmbito de uma bacia hidrográfica é o uso e as condições que interferem diretamente nesse uso. Assim, há que se considerar que em qualquer área coexistem muitas questões sociais, econômicas, culturais e de formas de organização espacial que não podem ser resolvidas apenas através do controle das águas, mas ela (a água) não pode ser desprezada no planejamento. (BERNARDES, 1979, cópia MIMEO)

Diversas classificações podem ser estabelecidas a partir do legado bibliográfico de Lysia Cavalcanti Bernardes. A seguir apresento uma delas, sem ousar alguma classificação rígida, pois alguns textos enquadram-se em mais de um grupo e alguns deles foram separados apenas pelo título, pois não foi possível acessá-los nas bibliotecas públicas ou acervos particulares. Textos voltados para o estudo do clima, da pesca, das cidades, da região e regionalização nos estados do Paraná e do Rio de Janeiro merecem destaque. Mas, sem dúvida, foi a cidade do Rio de Janeiro a merecedora dos mais esclarecedores textos. O conjunto de textos reunidos no grupo outros atesta, por sua vez, a capacidade da geógrafa de analisar, refletir e construir hipóteses para temáticas diversas.

Clima

Bernardes, Lysia. Aplicação de classificações climáticas ao Brasil. Boletim Carioca de Geografia, Ano VI, n. 3 e 4, p. 24-33, 1953. Publicado também no Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 17(149): 108-113, mar./abr. 1950.

BERNARDES, Lysia. Tipos de Clima do Estado do Espírito Santo. Revista Brasileira de Geografia, n. 1, p. 619 out./dez. 1951.



- BERNARDES, Lysia. Notas sobre o Clima da Bacia de São Francisco. *Revista Brasileira de Geografia*, 13(3): 473-479, jul./set. 1951.
- BERNARDES, Lysia. Regime Pluviométrico do Estado do Rio de Janeiro. *Boletim Geográfico - IBGE*, Rio de Janeiro, 8(96): 1456-1457, mar. 1951.
- BERNARDES, Lysia. Os tipos de Clima do Brasil. *Boletim Geográfico - IBGE*, Rio de Janeiro, 9(105): 988-997, dez. 1951.
- BERNARDES Lysia. O Clima do Estado da Bahia. *Boletim Geográfico - IBGE*, Rio de Janeiro, (10): 591- 594, set./out. 1951.
- BERNARDES, Lysia. Tipos de Clima do Estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, n. 14, p. 57, jan./mar. 1952.
- BERNARDES Lysia. Tipos de Clima do Brasil. *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1:135-140, 1953.
- Bernardes, Lysia. Tropical e sub-tropical, uma questão de terminologia. *Boletim Carioca de Geografia*, Ano VI, n 1 e 2, p. 71-74, 1953.
- BERNARDES Lysia. Clima do Brasil. *Boletim Geográfico - IBGE*, Rio de Janeiro, 9(103): 727-732, out. 1951. Continua no fascículo 125, mar./abr. 1955.
- BERNARDES, Lysia. Alguns problemas da aplicação do sistema de Köppen ao Brasil. *Boletim Carioca de Geografia*, Ano IX, n. 1 e 2, p. 29-34, 1956.

Pesca

- BERNARDES, Lysia. Notas sobre desenvolvimento da pesca no litoral do Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Ano II, (1)jan./mar. 1949.
- BERNARDES, Lysia; BERNARDES, Nilo A pesca no litoral do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XII, n. 1 jan./mar. 1950.
- BERNARDES, Lysia. Pescadores da Ponta do Caju - Aspectos da contribuição de Portugueses e espanhóis para o desenvolvimento da pesca na Guanabara. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, Ano XX, n. 2: 181 -201, abr./jun. 1958

Cidades e Municípios

- BERNARDES, Lysia. Notas sobre a Cidade de Diamantina e seus habitantes. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 2/3, p. 26-46, 1950/51. Publicado também em *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, vol. 4, Tl. 1, p.58-75, 1949/50.
- BERNARDES, Lysia. Relatório Preliminar da Cidade de Colatina, 1957. Mimeo.
- BERNARDES, Lysia. Nova Friburgo - Uma Cidade serrana fluminense. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 9-44, 1950/51.
- BERNARDES, Lysia. A Cidade de São Paulo - Estudos de Geografia Urbana. *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Seção Regional de São Paulo. In: Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), Comissão de Geografia *Revista Geográfica*, n. 50/52, TOMO XXIV, Brasil, Rio de Janeiro, jun. 1959.
- BERNARDES, Lysia. Relatório Preliminar da Cidade de Penedo. *Monografia Urbana - Assembléia Geral da AGB*, 1962.
- BERNARDES, Lysia. A Cidade de Campos e o Norte Fluminense - problemas e perspectivas. In: Rio de Janeiro: painel de um espaço em crise. Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROED). Coordenação



Júlia Adão Bernardes. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, p. 58-67, 1986.

BERNARDES, Lysia. Considerações sobre a posição geográfica de Belém. In: Anais do 3º Congresso Brasileiro de Geógrafos (comunicações), Belém, Associação dos Geógrafos Brasileiros, p. 68-72, 1974.

BERNARDES, Lysia. Termos de Referência e Plano de Ação Imediata do Município de Ponte Nova, Minas Gerais - Ministério do Interior/ Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), versão preliminar, Rio de Janeiro, p. 3-157, 1971.

BERNARDES, Lysia. Montes Claros e o Norte de Minas. Documento preliminar, XXIII Assembléia Geral, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro, p. 1-43, jul. de 1968.

BERNARDES, Lysia. Problemas da utilização da terra nos arredores de Curitiba. Revista Brasileira de Geografia, Ano XVII, n.2, p. 269-276, abr./jun. 1956.

BERNARDES, Lysia. Proposta e Estratégia de Desenvolvimento local para Campo Grande - MT. MIMÉO, 199(7).

Rio de Janeiro

BERNARDES, Lysia. Ensaio de delimitação da Região Urbana do Rio de Janeiro. Revista Geográfica do Instituto Panamericano de Geografia e História, Rio de Janeiro, 29(55): 5-12, 1951.

BERNARDES, Lysia. Importância da posição como fator do desenvolvimento do Rio de Janeiro - Anais da Associação dos Geógrafos (AGB), São Paulo, TOMO I, vol. 11, n. 1, p. 175-196, 1957/58. Publicado também em: Aspecto da Geografia Carioca, Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1972. Ou também: Cidade e Região, Bernardes e Soares. Biblioteca, Rio de Janeiro, p. 21-36, 1987.

BERNARDES, Lysia. Importância de Desenvolvimento do Rio de Janeiro. Anais da Associação dos Geógrafos do Brasil - AGE. São Paulo, TOMO I, vol. 11, n. 1: 175-196, 1957/58. Publicado também em: Aspectos da Geografia Carioca, 1962 - Conselho Nacional de Geografia, p. 3. Ou também em: Cidade e Região, Bernardes e Soares, Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, p. 21-36, 1987.

BERNARDES, Lysia. Evolução da Paisagem Urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX. Boletim Carioca de Geografia, 12 (1-2): 17-39. Transcrito em Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Regional do Rio de Janeiro. Aspectos da Geografia Carioca. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, p. 45-64, 1959.

BERNARDES, Lysia. Função Defensiva do Rio de Janeiro e seu Sítio Original. Boletim Carioca de Geografia, n. 1 e 2, vol. 13, p. 77 -92, 1960. Publicado também em: Cidade Região - Rio de Janeiro.

BERNARDES L. e SOARES. W. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, p. 15-20, 1987.

BERNARDES, Lysia. Expansão do espaço Urbano no Rio de Janeiro - "Separata da Revista brasileira de Geografia" - IBGE, Rio de Janeiro, 3, Ano XXIII, p. 43-73, jul./agos. 1961. Publicado também na Revista Brasileira de Geografia, p. 495-525, 1961, e no livro Cidade Região - Rio de Janeiro. Bernardes e Soares, Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, p. 81-104, 1987.

BERNARDES Lysia. "Setores de Organização Urbana na Região do Rio de Janeiro". In: Notas para Estudo da Organização Urbana do Rio de Janeiro. IPGH, Rio de Janeiro, 139: 17-28, 1962.

BERNARDES, Lysia. As grandes vias de comunicação do setor ocidental da Baixada da Guanabara nos séculos de colonização. Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 3, p. 57-63, 1961. Publicado também no livro Cidade Região - Rio de Janeiro. Bernardes e Soares, Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, p. 37-41, 1987.

BERNARDES, Lysia. Considerações sobre a Região do Rio de Janeiro - Revista Brasileira de Geografia, Vol. 33, n. 4: 99-107, out./dez. 1971. Publicado também em: Cidade e Região - Rio de Janeiro.



BERNARDES, Lysia. O Rio de Janeiro e sua Região. IBGE, Rio de Janeiro, p. 164.

BERNARDES, Lysia. GEIGER, Pedro Pinchas (Coordenadores). Mapa econômico da Guanabara. 2 vols. Departamento de Expansão econômica - Secretaria de economia. Estado da Guanabara, ASTEL, 1969.

BERNARDES, Lysia. A área metropolitana do Rio de Janeiro. Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro, vol. 18(109): 50-60, nov./dez. 1971.

BERNARDES, Lysia. A Faixa Suburbana. In: Curso de Geografia da Guanabara, IDGE, Rio de Janeiro, p. 90-105(AGB), 1968. Publicado também em Cidade Região, Bernardes e Soares, Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, p. 147-159, 1987.

BERNARDES, Lysia. Deslocamentos diários da população - A circulação. In: Curso de Geografia da Guanabara, Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Regional do Rio de Janeiro, IDGE, Rio de Janeiro, p.155-170, 1968.

BERNARDES, Lysia. A Faixa Suburbana da Metrópole Carioca. In: Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Geógrafos. Rio de Janeiro, DELTA, p. 65-68, 1965. (Resumo de teses e comunicações). Publicado também na revista geográfica, Rio de Janeiro (67): 69-86, dez. 1967.

BERNARDES, Lysia e DUARTE, Haidine S. B. Estrutura Espacial e Dinâmica Interna da Área Metropolitana do Rio de Janeiro. Cadernos da PUC/RJ, 21 (série História e Geografia, 1), p. 96-117, jan. 1974.

Região e Regionalização

BERNARDES, Lysia. Divisão Regional do Brasil. Boletim Geográfico - IBGE, Rio de Janeiro, 13(126): 325-327, mai./jun. 1955.

BERNARDES, Lysia. Sugestões para Divisão Regional do Estado da Bahia. 1964.

BERNARDES, Lysia. Regiões Geo-econômicas. In: Diagnóstico Socioeconômico do Ceará Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 38-67, 1964.

BERNARDES, Lysia. Regionalização para Planejamento no Rio de Janeiro - Governadoria do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral, SUPLAN/ DESUR, Rio de Janeiro, p. 1-16, 1975.

BERNARDES, Lysia e BATISTA, Maurício Nogueira. Planejamento e institucionalização de regiões metropolitanas: experiência em curso e sugestões - Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Instituto de Planejamento econômico e social (IPEA).

BERNARDES, Lysia (org.). Um caso de desigualdade regional do desenvolvimento: O Estado do Espírito Santo (UGI), parte 1, Vitória – abr. 1971.

BERNARDES, Lysia e Batista, Maurício Nogueira. Institucionalização de Regiões Metropolitanas: resumo retrospectivo da atuação do IPEA e da evolução do problema - Ministério do planejamento e Coordenação Geral/ Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA)/Setor de transportes do IPLAN. Estudos e pesquisas - Desenvolvimento Urbano - Documento de trabalho n.3, Rio de Janeiro, p. 1-13, 12 de abril de 1972.

Estado do Paraná

BERNARDES, Lysia. Distribuição da população no Estado do Paraná em 1940. Revista Brasileira de Geografia, Ano XII, n. 4, p. 565-586 out./dez. 1950.

BERNARDES, Lysia. Crescimento da população do Estado do Paraná. Revista Brasileira de Geografia, n. 13, p. 265 abr./jun. 1951.

BERNARDES, Lysia. O problema das "frentes pioneiras" no Estado do Paraná. Revista Brasileira de Geografia, n. 15, p.



335, jul./set. 1953.

Estado do Rio

BERNARDES, Lysia. Atlas do Estado do Rio de Janeiro, Governo do Estado do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Planejamento e Coordenação. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ, Rio de Janeiro, 1982.
• Coordenação e supervisão.

BERNARDES, Lysia et. alli. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Coordenadoria de Geografia e Estatística. "Urbanização do interior fluminense": análise dos aglomerados de Pequeno porte - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro FAPERJ - Rio de Janeiro, 1983. Trabalho de coordenação e supervisão geral.

BERNARDES, Lysia. I Plano de Desenvolvimento. Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral, Rio de Janeiro, 787 pp. 1975. * Participação de equipe e elaboração.

BERNARDES, Lysia. Zoneamento Industrial – *SEPLAN/ FUNDREM/FEEMA*. Mimeo, 199(7).

Outros

BERNARDES, Lysia. Observações geográficas na Amazônia - Revista Brasileira de Geografia, vol. 11 (3): 355-408/12(2): 171-250, 1949.

BERNARDES, Lysia. Cultura e produção de arroz no Sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, Ano XVI, n.4, p. 403-438, out./dez. 1954.

BERNARDES, Lysia; MAGNANINI Ruth Lopes da Cruz. Excursão a Cabo Frio (Guia) - Pelos membros da Assembleia Geral do IBGE, Serviços Gráficos do IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, vol. 2, p. 7-32, agosto de 1956.

BERNARDES, Lysia. Guia de Excursão n. 5. Realizado por ocasião do XV Congresso Internacional de Geografia - Planície Litorânea e Zona Canavieira do Estado do Rio de Janeiro. UGI (Comissão Nacional do Brasil), Edição de Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, p. 5 - 242, 1957.

BERNARDES, Lysia. Elementos para o estudo geográfico das cidades (exemplos brasileiros). Boletim Geográfico do IBGE, Rio de Janeiro, vol. 18(154): 41 - 48, jan./fev. 1960.

BERNARDES, Lysia. Quadro Sumário da Nomenclatura das Zonas Urbanas. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. In: "O habitat" Urbano no Brasil: Problema do estudo das Metrópoles, vol. 12, p. 217 - 118, São Paulo, Simpósio, 1960.

BERNARDES, Lysia. Conceito e Colonização. In: Colonização e valorização Regional. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Simpósio para XVI Assembleia Geral da AGB, vol. 14, São Paulo, p. 211 - 226, 1960-1962.

BERNARDES, Lysia. A vida urbana na encosta. Enciclopédia dos Municípios brasileiros, vol. VII, 1960.

BERNARDES, Lysia. A vida Urbana no Nordeste. ETENE, 1964.

BERNARDES Lysia. Geografia e Poder Nacional. Revista Brasileira de Geografia, n. 3, vol. 28, p. 267-281, jul./set. 1966.

BERNARDES, Lysia. Interligação dos núcleos populacionais. Boletim geográfico, IBGE, Rio de Janeiro, 28(210): 3-45, mai/jun. 1969.

BERNARDES, Lysia. Comentários sobre o Processo de Metropolização no Brasil. Revista Geográfica, Rio de Janeiro, n. 71, dez. 1969.

BERNARDES, Lysia. Subsídios para a formulação e a implantação de uma política de desenvolvimento urbano - Secretaria



Geral do Ministério do Planejamento, Rio de Janeiro, p. 1-13, Documento do IPEA, novembro de 1971.

BERNARDES, Lysia e BATISTA, Maurício Nogueira. O Ministério de Planejamento e o Desenvolvimento Urbano - Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Instituto de Planejamento econômico e social (IPEA)/Setor de transporte do IPLAN. Estudos e Pesquisas - Desenvolvimento Urbano - Documento de trabalho n.4, Rio de Janeiro, p. 1-13, 12 de abril de 1972.

BERNARDES, Lysia. Diversificação de atividades e modernização na Zona Serrana central do Espírito Santo. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. XVIII, São Paulo, p. 270-271, 1973.

BERNARDES, Lysia. Investimento rodoviário e padrões do uso do solo. Revista de Administração Municipal Pública, Rio de Janeiro 7(1): 49-70, 1973.

BERNARDES, Lysia. Política de Proteção ambiental - Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro (146): 53-61, jan./mar. 1978.

BERNARDES, Lysia. Política Urbana - uma análise da experiência brasileira. Análise e Conjunturas, Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, vol. 1: 83-119, jan./abr. 1986.

BERNARDES, Lysia. Zoneamento - A dimensão do urbano e a ordenação do território. Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro, 36 (193): 226-231, 1989.

BERNARDES, Lysia. Subsídios para a redefinição dos conceitos de urbano e rural. Mimeo, 19(7).

BERNARDES, Lysia. Interligação dos núcleos populacionais do Vale do Jaguaribe. Mimeo, 199(7).

Finalmente, não posso deixar de dizer que...

A convivência com Lysia Bernardes foi fundamental na minha formação. Trabalhei sob sua coordenação na SECPLAN, nos anos de 1977 e 1978. Sob sua influência participei do CEMUAM - Curso de Metodologia em Planejamento Urbano e Regional, oferecido pelo IBAM - Instituto Brasileiro de Administração Municipal, em 1979. Voltei a ser coordenada por ela na SERSE, nos anos de 1980, até a lamentável extinção da Secretaria.

Voltamos a nos encontrar em Campos (RJ), em 1985, na elaboração do diagnóstico para o Programa Cidades de Porte Médio.

Minha dissertação para o curso de mestrado, concluído em 1993, intitulou-se “Rede Urbana no Sudeste: uma análise através dos fluxos de ligações telefônicas” e contou a minha expectativa de compreensão do significado da região e a problemática regional. É desnecessário dizer que o interesse por ambos foi marcado pela influência de Lysia.

Hoje sou professora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense e me dedico à disciplina de Planejamento Urbano Regional, cujas aulas são fortemente marcadas pelos anos de aprendizagem com Lysia Bernardes.



Referências

ALMEIDA, Roberto Schmidt. O Pensamento Geográfico do IBGE no Contexto do Planejamento Estatal Brasileiro. MARTINS, L. A. C., P. Silva C.C., FERREIRA, J. M. H. Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3º Encontro. Campinas AFHIC, 2004.

AZEVEDO, Mariangela de. A importância de Lysia Bernardes para a Geografia Brasileira. Monografia apresentada na PUC – RJ, por ocasião da conclusão da graduação em Geografia, 2000.

BERNARDES, Lysia M. C. e SOARES, M.T.S. Rio de Janeiro, cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987

CORREA, Roberto L. Entrevista com Roberto Lobato Correa. GEOSUL – n.9 12/13 - Ano VI - 29 sem. 1991 e 19 sem. 1992.

MACHADO, Mônica Sampaio. A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2009.

OLIVEIRA, Chico. A noiva da revolução. Elegia para uma re(li)gião. Boitempo, São Paulo, 2008.